

PARA ONDE VAI O LESTE

ERIC J. HOBBSBAWM (entrevista)

P. Como vê os resultados das eleições no Leste europeu?

■ R. Os resultados das eleições na Hungria e na Alemanha Oriental não me surpreenderam. Era inevitável que o fracasso dos regimes socialistas, totalitários e burocráticos determinasse de imediato uma forte penalização daquelas forças que, no contexto das revoluções democráticas e nos movimentos que expressavam a sua estrutura portadora, se inspiravam nos valores originais do socialismo. Por outro lado, poucos meses de vida pública não poderiam remediar a anos de devastação política. As pessoas preferiram escolher — mais como reação a quarenta anos de totalitarismo “socialista” obtuso, ao invés de uma plena cooparticipação em opções político-ideais alternativas — aquilo que lhes parecia o mais distante possível da realidade imediata. Mas, exatamente por isso, embora não somente por isso, não acredito que os fatos eleitorais do Leste dêem testemunho à afirmação do modelo ocidental como a única ou, de qualquer modo, a melhor alternativa possível ao “socialismo de Estado”.

P. Para onde vai o Leste, professor Hobsbawm?

R. Neste momento, é possível responder à sua pergunta somente com relação às regiões leste-europeias, que até há pouco eram ainda submetidas à dominação soviética, cujo sistema de partido único “bolchevique” desmoronou e que dificilmente poderá se restabelecer. Por enquanto, ele foi substituído por algumas variantes de democracia pluripartidária e não é ainda possível prever se estas variantes gozarão de uma existência melhor do que a daquelas que as antecederam em 1919. Os sistemas econômicos destes Estados, enquanto durarem, devem ser catalogados como variantes de “sistemas de economia social de mercado” ou como sistemas de economia mista, no interior dos quais resistirão alguns elementos importantes dos sistemas socialistas centralizados que os precederam, mesmo que isso não venha a ser um fator predominante. As economias destes Estados sofrerão, por um período que não será breve, uma forte dependência do Ocidente e este será, muito provavelmente, o próprio destino da Iugoslávia.

P. Muitos observadores internacionais, analisando os resultados das eleições na Hungria e na Alemanha Oriental, têm falado de uma guinada à direita, do triunfo das velhas culturas políticas de matizes católico e nacionalista, que marcariam um retrocesso dos ponteiros da história. O senhor compartilha destas avaliações?

R. Veja, o que mais impressiona negativamente nos acontecimentos que atingiram o Leste é o novo emergir de antigos

problemas que existiam na região antes da ocupação soviética e no período entre-guerras, e que os regimes socialistas, nos decênios sucessivos, tinham removido ou feito “hibernar”. Esta consideração se torna particularmente evidente se contraposta ao nacionalismo, um fator que se tornou determinante tanto nas eleições húngaras quanto nas alemãs-orientais e que hoje representa um dos maiores obstáculos no caminho da *perestroika* de Gorbatchov. O nacionalismo, que sem dúvida irá se reforçar mais ainda no futuro imediato, é acompanhado muitas vezes pela satanização do “outro” — da minoria húngara na Romênia, por exemplo — e pelo novo emergir de um forte anti-semitismo na Polónia, na Alemanha Oriental, na Rússia Soviética. E o nacionalismo dificilmente pode ser desentranhado na política. Por isso, deve despertar fortes preocupações: pode se tornar a nova ideologia de Estado para aqueles povos, tão perigosa quanto to a que caracterizava os regimes passados. Além disso, pelo fato de que as forças de esquerda no Leste têm se fragmentado em vários partidos ex-comunistas e outras formações políticas, velhas e novas, a política desta área tem se deslocado decididamente para a direita. Se a esquerda desunida pudesse se reunir — o que, pelo menos a curto prazo, parece extremamente improvável — ela viria a se constituir, com base nas eleições da Alemanha Oriental e do próprio voto húngaro, em uma força consistente, em condições de, pelo menos, condicionar as escolhas futuras.

Permita-me, por fim, observar que as velhas culturas políticas que estariam emergindo de novo das cinzas dos regimes socialistas são as mesmas que levaram quase todos os Estados desta região, no período entre as duas guerras, da democracia a governos mais ou menos autoritários. E esta é uma consideração histórica não exatamente tranquilizadora para o futuro daqueles povos.

P. A crise do socialismo real assinala também o desaparecimento dos valores e dos princípios originários do socialismo? Enfim, professor Hobsbawm, “Marx morreu” e a queda daqueles regimes é a prova última da supremacia

Entrevista realizada por Umberto Giovannangeli, publicada em *Rinascita*, nº 10 de 15/04/1990 e traduzida por Giovanni Menegoz. Eric J. Hobsbawm, historiador marxista inglês, tem uma extensa obra publicada, da qual boa parte traduzida para o português e editada no Brasil, como *História do Marxismo* (org.), *A era do Capital*, *A era das revoluções*, *Mundos do Trabalho*, *A era dos impérios*, *Revolucionários*, *Os trabalhadores*, *Bandidos*, *Rebeldes primitivos*, *Da revolução industrial inglesa ao imperialismo* e outros.

do modelo liberal-democrático, da economia de mercado, em uma palavra, do “espírito do capitalismo”?

R. Lênin é certamente a “grande vítima” dos acontecimentos de 1989. O que ruuiu foi o modelo bolchevique do socialismo, a perspectiva soviética das mudanças sociais e a herança da Revolução de Outubro, que até hoje não conseguiu se tornar parte integrante das tradições russas, sobrepondo-se ao mesmo tempo, e forçadamente, às várias identidades nacionais dos países do Leste. De qualquer maneira, os valores e os princípios do socialismo são marxistas, vão além do bolchevismo e não foram certamente invalidados pela queda do “socialismo real”. Eles incluem todos os filões do socialismo que pertencem à Segunda Internacional, tanto os marxistas como os mencheviques e Plekánov. Este último, como se sabe, opôs-se firmemente à Revolução de Outubro, prevendo todas as suas conseqüências negativas. Teria Marx se enfraquecido pelo fato de estar associado a regimes que, por gerações inteiras, reivindicaram seu nome e — com sucesso — o monopólio do poder? Sem dúvida alguma. “Marx morreu”? Não acredito, absolutamente. Foi o capitalismo que triunfou? As razões do capitalismo avançado têm demonstrado certamente a própria superioridade econômica absoluta em confrontação com os planos primários de industrialização centralizada, no estilo do século XIX, nos países onde reinava o socialismo real. O papel do mercado, em qualquer economia digna deste nome, é inegável e de grande importância também nos países socialistas. O problema que permanece aberto no Ocidente, e que hoje atinge também o Leste “liberado”, é o de se pôr um limite à tendência à mercantilização universal, própria do capitalismo, que atinge não somente a esfera da economia mas também a da política e a das relações sociais. Mas não devemos nos esquecer que, se o socialismo não teve sucesso nas próprias áreas de influência, não se pode dizer tampouco que o capitalismo, que tem controlado rigidamente o resto do mundo, tenha registrado sucessos brilhantes na Ásia, África e América Latina.

Seja como for, a idéia de que o *capitalismo*, de um lado, e o *socialismo*, de outro, configurem pólos opostos, é própria de uma era de cruzadas ideológicas, equivalente à idéia, própria de uma esquerda arcaica, de que todo elemento de mercado destrói ou desnatura o socialismo, ou à convicção, própria da direita thatcheriana, de que o capitalismo não pode tolerar alguma forma de empresa econômica pública ou de vínculos sociais e ambientais para o seu desenvolvimento. As diferenças entre os dois sistemas não são de ordem estrutural, mas devem ser definidos com relação às prioridades sociais assumidas, e atingem a capacidade-vontade de representar e dar resposta às necessidades e às expectativas de emancipação dos setores mais fracos da sociedade.

P. Quais indicações as forças da esquerda ocidental deveriam extrair dos acontecimentos do Leste?

R. À medida que estão vinculadas ao termo “socialista” (e não apenas comunista), as esquerdas da Europa Ocidental poderão sofrer algum contragolpe negativo no plano da imagem, e talvez também no plano eleitoral, por causa da queda dos sistemas dos países do Leste. De qualquer modo, o

Mas o afastamento da teoria leninista do poder — base central e legitimadora da ortodoxia comunista — não deve significar, para a esquerda dos anos Noventa, a assunção mecanicista de uma ótica e de uma prática política meramente corretiva existente...

seu futuro é determinado apenas marginalmente por tudo o que está acontecendo agora naqueles países (como testemunham os recentes sucessos eleitorais da SPD federal vis-à-vis a vitória da Aliança Conservadora na Alemanha Oriental...), exceção feita à evolução dos acontecimentos políticos do Leste, o que poderá complicar o desenvolvimento futuro da Comunidade Econômica Européia. Certamente, a esquerda européia deverá ser capaz de se beneficiar com o declínio da influência ideológica do neoliberalismo econômico, uma ideologia que tinha caracterizado com muita força os anos Oitenta. Uma prova a mais disso é a profunda crise do conservadorismo na Inglaterra. Mas, aspecto negativo, a esquerda européia deverá fazer frente a um massivo aumento da xenofobia, sob a forma de racismo e nacionalismo, dois elementos que têm uma importância bem maior para os destinos das forças do progresso do que aquilo que está acontecendo por ora em Moscou (caso a instabilidade da Europa central e do Leste não acabe até por provocar uma guerra). Mas o afastamento da teoria leninista do poder — base central e legitimadora da ortodoxia comunista — não deve significar, para a esquerda dos anos Noventa, a assunção mecanicista de uma ótica e de uma prática política meramente *corretiva* existente...

P. Gostaria que esclarecesse melhor essa opinião, professor Hobsbawm.

R. As revoluções democráticas que se desenvolveram no Leste — que certamente decretaram uma condenação sem apelo dos regimes “socialistas”, mas que não têm ainda delineada uma resposta orgânica, positiva, às instâncias de liberdade e de justiça que as gerou, assim como, por outro lado, os desequilíbrios e as novas e irresolutas contradições sociais que se manifestaram no Ocidente capitalista — impõem às forças de esquerda, para justificar a sua própria razão de ser, delinear os elementos político-ideais fundamentais de um *reformismo radical*, que não se limite a intervir com espírito “reequilibrador” somente na esfera redistributiva, mas que esteja em condições de representar, para milhões de indivíduos, uma alternativa possível ao modelo de desenvolvimento “industrializante”, socialmente desequilibrado, e à concepção “formal”, vetero-liberal, da democracia.

Esse reformismo pode representar o precioso denominador comum de uma esquerda européia, no Leste e no Ocidente, o qual, uma vez abandonada toda ilusão de “revo-

luções palingenéticas”, não aceite falar a linguagem do mercado; uma esquerda não subalterna ao mito da “modernidade”, que se assumia sempre e em qualquer caso como fator progressivo e capaz de orientar a mudança em um sentido útil.

P. O senhor fala de reformismo radical de uma esquerda não subalterna à lógica do mercado. Mas não é exatamente esta a lógica que triunfou no Leste?

R. De imediato, talvez seja assim, mas não acho que isso possa ser verdadeiro em uma perspectiva a médio prazo. A equação operada pela maioria dos húngaros e alemães-orientais é muito simples e, com base em sua experiência, absolutamente irrefutável: desastre econômico, planificação centralizada, sistema político baseado no monopólio do poder por parte do partido-Estado, ideologia comunista e socialista. Mas, se a perda da credibilidade, naqueles países, em qualquer hipótese socialista tinha que ser levada em consideração a curto prazo, sua verificação se dará no choque de interesses e nos inevitáveis choques de classe que se abrirão quando o arbítrio do mercado substituir o da velha burocracia estatal e do partido.

P. Gostaria de concluir esta nossa entrevista com uma reflexão sobre a URSS. Em uma recente entrevista concedida à Rinascita, Alain Tourane afirmou que, para continuar no caminho da renovação, Gorbatchov deve sair totalmente do sistema comunista. Também o senhor é desta opinião? Em outras palavras, qual é a sua opinião sobre o modo de agir de Gorbatchov e quais são as perspectivas da perestroika?

R. Gorbatchov é como Lênin, considerando que seu papel de “transformador” da política de um sexto da superfície terrestre é decisivo, e também porque ele pode fracassar,

com conseqüências desastrosas para as próprias sortes do velho continente.

As conquistas positivas desse grande líder político são amplamente apreciadas fora da URSS, mas, no interior do país, a *perestroika* não conseguiu certamente melhorar a situação social e econômica, embora a *glasnost* tenha reintroduzido a liberdade intelectual e política.

Não sou otimista com relação ao futuro da *perestroika*, apesar de que as possibilidades de sucesso de Gorbatchov parecem-me ser maiores do que aquelas a ele concedidas por muitos observadores ocidentais. Que Gorbatchov tenha, posteriormente, que sair totalmente do sistema comunista, parece-me, sinceramente, uma questão acadêmica. Um simples retorno da URSS ao capitalismo não é concebível: a) porque não seria tolerado politicamente; b) porque não existe nenhum capitalismo ao qual retornar, um capitalismo que, conforme a acepção ocidental, nunca existiu neste país. Isto, ou seja, a ausência de um modelo sócio-econômico hoje adaptável à complexa realidade soviética, é um dos problemas mais desafiadores que Gorbatchov deverá resolver se quiser reformar radicalmente o Estado e a economia soviéticos.

O perigo maior é o desmoronamento e a desintegração do país. É um perigo do qual estão cientes muitos dos governos ocidentais, mesmo que não se faça nada para dar à URSS aquela assistência econômica indispensável para baliçar uma crise tão grave, capaz de por em séria discussão as próprias bases populares do consenso do qual ainda desfruta Gorbatchov. A pior solução para esta nação e para o futuro da Europa seria a secessão de algumas Repúblicas menores (para as legítimas exigências de independência das quais somente é possível responder através da fundação de uma nova União Soviética como Estado federal das autônomoias) e a transformação da Grande Rússia em um regime nacional-militar eslavófilo, inspirado por aqueles que em Moscou são chamados “os discípulos do aiatolá Soljenitsin”.